

SIRIÁ, MEU BEM SIRIÁ: REFLEXÕES SOBRE UM PROCESSO CRIATIVO EM DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS NA ABAMBAÉ COMPANHIA DE DANÇAS BRASILEIRAS

ISABEL URTASSUM DA SILVA ROSA¹; MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA²;
THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹Universidade Federal de Pelotas - urtassum.isabel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - thiago.amorim@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo resulta de uma ação de pesquisa vinculada ao projeto unificado com ênfase em extensão Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPEL - NUFOLK, desenvolvida em parceria com o projeto Manifestações Populares Tradicionais Não-Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda fase de estudos - MPT. Ambos integram o Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPEL/CNPq), ligado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Abambaé é um coletivo artístico-cultural independente dedicado à criação e difusão de trabalhos comprometidos com as tradições e expressões culturais de diferentes regiões do Brasil que foi fundado em 2005, em Cruz Alta-RS, e está sediado em Pelotas desde 2008. O Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPEL - NUFOLK, criado em 2010, é vinculado ao curso de Dança – Licenciatura da UFPEL e promove oficinas, eventos, ações formativas e vivências que valorizam as culturas populares, configurando-se como espaço de interlocução entre artistas, pesquisadores e comunidade. O objetivo central é refletir sobre o processo criativo em danças populares brasileiras realizado na e a partir da montagem coreográfica da Dança Siriá, desenvolvida pela Abambaé Companhia de Danças Brasileiras mediante uma ação de extensão em parceria com o NUFOLK.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota a bricolagem metodológica, entendida, segundo Kincheloe (2006, *apud* Neira; Lippi, 2012), como uma abordagem analítica que integra múltiplas perspectivas sobre um mesmo fenômeno. Em definição ampliada, o autor a descreve como um modo de fazer ciência que interpreta e analisa a realidade a partir de diferentes olhares presentes na sociedade contemporânea, considerando as relações de poder que atravessam o cotidiano.

Para esta bricolagem, foi feito o uso de autoetnografia e de pesquisa artística associadas ao processo de criação em dança. A autoetnografia, segundo Fortin (2009), “se caracteriza por uma escrita do ‘eu’ que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si”. Trata-se de uma metodologia que integra a subjetividade à pesquisa, valorizando o lugar de fala do pesquisador e expandindo o relato pessoal para dialogar com dimensões coletivas, históricas e sociais, transformando a experiência vivida em material de análise.

Já a pesquisa artística, com foco no processo de criação, é compreendida como um espaço-tempo para a invenção de novos movimentos, no qual a experimentação é o elemento central. Nessa abordagem, criar significa investigar, permitindo que cada movimentação se torne também conhecimento. Como destaca Ribeiro (2020), trata-se de um processo em que a escuta sensível de si e do entorno impulsiona tanto a prática quanto a reflexão que dela decorre.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cenário contemporâneo, a elaboração cênica a partir de danças populares não se limita à reprodução fiel de seus movimentos tradicionais, mas envolve um diálogo entre preservação e invenção. Mammi (2002, p. 16) aponta que “o que faz da grandeza da dança brasileira não é a existência de uma linguagem nacional pura, mas a capacidade de fundir e adaptar técnicas e estilos das proveniências mais variadas”, evidenciando o caráter híbrido e criativo dessas construções.

É nesse contexto que se insere a trajetória da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, coletivo artístico independente fundado por Jaciara Jorge, Igor Pretto, Stephanie Pretto, a Janaina Jorge e Thiago Amorim, em Cruz Alta – RS, e atualmente coordenado por Joseana Andrades e Ludmila Coutinho. A companhia dedica-se à criação, circulação e ensino de obras que dialogam com a diversidade das tradições culturais brasileiras, explorando linguagens e estilos variados.

Dentre suas criações, destacamos aqui a coreografia da Dança do Siriá, manifestação cultural originária de Cametá, Estado do Pará, região norte do Brasil, a qual é marcada pela fusão de influências indígenas, africanas e portuguesas. A Companhia já possuía, em seu repertório, uma coreografia de Siriá criada em 2005 por Janaína Jorge. Entretanto, em comemoração aos 20 anos do grupo, em 2025, iniciou-se o processo de criação de uma nova montagem em homenagem à data comemorativa, desta vez coreografada por Thiago Amorim e Jaciara Jorge.

O processo de criação da nova coreografia teve início efetivo no encontro realizado em 14 de maio de 2025. A condução inicial foi realizada por Thiago Amorim, que apresentou resultados de pesquisas acerca dessa manifestação cultural, incluindo suas origens e registros audiovisuais de grupos da região Norte executando a dança com movimentações características. Durante o encontro, foram discutidas diferenças entre práticas tradicionais e as adaptações realizadas para apresentações em palco, destacando aspectos do processo coreográfico.

Por já haver aprendido e ensaiado a versão anterior do Siriá, há que se reconhecer inúmeras semelhanças com movimentações já familiares, oriundas da versão primeira. Ao mesmo tempo, é possível perceber que determinados trechos se distanciavam bastante dessa versão anterior e se conectavam mais com a pesquisa atua que foi realizada par esta montagem cênica. Há que se registrar também que o processo criativo visou, em ambas ocasiões, uma composição coreográfica comprometida com a tradição mas que se propôs a uma releitura para o espaço cênico, o que no campo das danças tradicionais brasileiras habitua-se, em muitos casos, de denominar como estilização, recriação ou parafolclore.

Com o passar dos ensaios, evidenciou-se que os elementos poéticos da nova versão encontram-se mais comprometidos com a nova pesquisa de movimentos que foi feita do que com a referência gestual da primeira versão criada pelo grupo há 20 anos. Assim, embora ambas sejam coreografias de Siriá, seguem caminhos distintos dentro da mesma dança, revelando nuances que evidenciam diferentes interpretações de uma mesma manifestação, mediante a releitura poética de artistas diferentes, embora do mesmo grupo.

A partir dessa fruição e do compartilhamento de referências teóricas e artísticas, foram conduzidas experimentações corporais voltadas a séries de movimentos característicos da Dança do Siriá, com ênfase no uso de saias e na exploração de formações espaciais com passos básicos. Tais práticas permitiram uma melhor compreensão das dinâmicas de cena por parte dos bailarinos e bailarinas envolvidos, assim como favoreceram a aproximação dos intérpretes com a estética popular e os elementos estruturais da manifestação tradicional nortista.

Após o início do processo criativo, semanalmente às quartas-feiras, das 20h às 22h, passaram a ser desenvolvidos os encontros voltados à composição e ao ensaio da coreografia. Paralelamente, a Companhia realizava ensaios semanais do trabalho aos sábados, das 10h às 12h, e incorporava, durante parte de suas aulas regulares, momentos para rememoração e ensaio da coreografia trabalhada nas quartas-feiras. Em tais ocasiões, priorizava-se o aperfeiçoamento de passos específicos que demandam maior atenção técnica ou que apresentavam maior complexidade de execução dentro do processo criativo.



Figura 1 (E): Bailarinos performando a coreografia de Siriá de Janaína Jorge, em 2023.

Figura 2 (D): Elenco da Abambaé com Thiago e Jaciara na conclusão da Montagem do Siriá 2025.

Fonte: Arquivo Particular da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras.

Audiodescrição: A imagem à esquerda mostra um espaço ao ar livre, com gramado e árvores ao fundo, onde oito bailarinos saltam no ar de forma sincronizada. Vestem figurinos em tons de azul e branco. Cada dançarino segura uma juera nas mãos em direção ao céu. A imagem à direita traz, em uma sala ampla, um grupo de quatorze pessoas posa em sala, cinco ajoelhadas com saias e oito em pé atrás, algumas segurando saias amarelas e coloridas abertas.

Tornou-se evidente, ao longo do processo criativo, o impacto do contexto geográfico e climático na corporeidade do elenco e na composição como um todo. Por se tratar de um grupo de dança sul do Brasil, ensaiando em pleno inverno e frio, uma dança que, no Norte, acontece sob temperaturas elevadas e com figurinos leves, foi necessário vestir várias peças de roupas para suportar o frio e umidade intensos, o que interferia na sensação térmica e na expressão do próprio

movimento e sua interpretação. Essas diferenças geraram adaptações conscientes e inconscientes nos corpos que ainda seguem sendo mapeadas e compreendidas.

A conclusão do processo criativo conduzido pelos coreógrafos ocorreu em 06 de agosto de 2025, marcando o encerramento da etapa de concepção artística e finalização geral da obra. A partir desse momento, a coreografia passou a ser trabalhada pelo elenco, que seguem em ensaios regulares voltados ao refinamento técnico, à consolidação da memória coreográfica e ao fortalecimento da expressividade necessária para a apresentação pública, a qual ainda não foi agendada, mas deve ocorrer ainda no ano de 2025.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia como o processo criativo em danças populares da nova coreografia da Dança do Siriá, da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, possibilita a transformação de uma manifestação popular tradicional da região norte do país em uma obra cênica, mantendo diálogo com suas origens e, ao mesmo tempo, promovendo a adaptação à cena de dança que não perca a essência e o sentido da expressão original.

A reflexão sobre o processo criativo, mostra como danças populares podem ser reinterpretadas e adaptadas em contextos distintos, considerando elementos culturais, corporais e espaciais que devem ser observados e, mais do que isso, respeitados. O processo compositivo em dança aqui analisado reforça a importância da articulação entre pesquisa e extensão e atesta a colaboração que mantém uma parceria contínua do NUFOLK com a Abambaé há cerca de 15 anos, articulando práticas de investigação científica e criação artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÔRTEZ, Gustavo. **Processos de criação em danças brasileiras: o folclore como inspiração**. VI Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. 2010.
- FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Revista Cena, Porto Alegre, n. 7, fevereiro 2009, Editora: UFRGS, p. 85-95.
- MAMMI, Lorenzo. **O que é dança brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NEIRA, M. G., & LIPPI, B. G. (2012). **Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional**. Educação & Realidade, 37(2).
- RIBEIRO, Mônica Medeiros. **De registros a reflexões sobre o corpo em processo de criação**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 4, p. 1-22, 2020.
- RODRIGUES, Yago José Vieira; JESUS, Thiago Silva de Amorim; SOUZA, Marco Aurélio da Cruz. **A Trajetória de 20 Anos da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras (2005-2025)**. In: SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; JESUS, Thiago Silva de Amorim; SILVA, Ana Carolina Feitas (Org.). Danças, Fogueiros e Outras Tradições Culturais Não-Hegemônicas do Rio Grande do Sul na Contemporaneidade. 1. ed. Salvador, BA: Editora ANDA, 2025. p. 96-141.